



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 19 de Abril de 1980 * Ano XXXVII — N.º 942 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AQUI, LISBOA!

«Não se pergunta a ninguém, como se faz: faz-se.»
(Pai Américo)

Foi em Domingo de Páscoa. Logo após a Missa da Comunidade benzemos a última das casas de habitação da Aldeia. Sem orçamentos ou previsões, apenas com o trabalho próprio e os donativos do Povo, chegou ao fim o conjunto habitacional da Casa do Gaiato de Lisboa. Trata-se de uma casinha airosa, com três camaratas para 25 Rapazes, mais dois quartos, um dos quais para o chefe e o sub-chefe da pequena família; uma sala comum de estar, para jogos, leitura e televisão; sanitários e chuveiros, com água quente e fria. Um mimo, diríamos; autênticas amêndoas de Páscoa para os nossos Rapazes, forjado e cimentado à luz do Mistério que acabamos de celebrar. Deus seja louvado!

Já que nem sempre podemos partilhar as nossas tristezas e lutas, aqui deixamos algo das nossas alegrias. Outras tarefas nos ocupam já, que se Deus nos der vida e saúde, se virão a concretizar a seu tempo, como o pavilhão social polivalente, a aquisição duma máquina offset para a tipografia, a remodelação do saneamento básico primitivo, a pesquisa de água e a abertura de

pócos para uma agricultura mais rendosa e capaz. Parar é morrer. E, conscientes dos Valores que nos são entregues — os Rapazes — tudo faremos para lhes proporcionar as condições materiais e humanas indispensáveis à sua formação e desenvolvimento.

● Já nestas colunas temos abordado ao de leve as dificuldades a vencer por quem procura acesso à sua casinha, sobretudo por parte dos mais pobres, vivendo apenas do seu ordenado. Terrenos não há ou custam somas incomportáveis. As facilidades existentes no campo burocrático são nulas ou quase impeditivas de transposição. Os processos são morosos e o papel selado uma constante. Os financiamentos são difíceis e caros. Os estímulos oficiais, embora teorizados e sujeitos a «slogans», não se vislumbram. Os preços dos materiais aumentam a cada instante e nem sempre se encontram construtores capazes e dispostos a aceitar pequenos ou médios empreendimentos.

Ào inaugurarmos a nova casa da Aldeia não podíamos deixar de referir o exposto. Não sabemos quanto ela custou.

SERVIÇO DOS POBRES

«Encheu-nos de confiança o nosso encontro com V. na Cozinha Económica, onde trabalhamos há tantos anos e à qual temos um tão grande amor. Não é Obra nossa, mas ali exercemos a nossa missão de serviço dos Pobres, defendendo o nosso espírito que consiste no amparo dado ao Pobre no sentido de o cristianizar educando-o, civilizando-o, levantando o nível de inferioridade em que o nosso povo infelizmente ainda vive, ensinan-

do-o a amar a sua condição, mas fazendo-o sentir a necessidade de se elevar em todos os sentidos. Como primeiro passo para realizar o nosso ideal fizemos-nos pobres como eles, não apenas em aparência, mas em verdade; e vamos actuando lentamente, com firmeza e perseverança, sem imposições, respeitando a sua liberdade e a sua dignidade, desinteressadamente, procurando para cada caso aquilo que melhor o pode solucionar. Entramos em suas casas como uma amiga que vive com eles as suas tristezas e as suas alegrias, repartindo com eles aquilo que tem e aceitando também a sua ajuda naquilo que está dentro das suas possibilidades. É numa confiança que se não baseia em sucessos ou insucessos, que conseguimos até hoje, que cada um dos nossos dias seja um dia novo, sem ralentar passo nem perder en-

do-o a amar a sua condição, mas fazendo-o sentir a necessidade de se elevar em todos os sentidos.

do-o a amar a sua condição, mas fazendo-o sentir a necessidade de se elevar em todos os sentidos.

do-o a amar a sua condição, mas fazendo-o sentir a necessidade de se elevar em todos os sentidos.

tusiasmo neste caminho árduo que é o nosso, por vezes ingrato e duro que só com os olhos bem no Alto, se consegue trilhar. Para isso servimos como nosso Primeiro Pobre, o Senhor, nas nossas Igrejas Paroquiais, prestando ao Pároco os serviços que ele precisa de nós e não aqueles que nós entendemos prestar-lhe; vivemos em cheio a vida da Paróquia e tendo como nossa capela a Igreja Paroquial. Pode V. calcular a luta que por vezes representa a nossa vida. Vestimo-nos de riscado, comemos mesa de pobre, sem miséria mas sem supérfluo. Precisamos que todos nos ajudem e pedimos porque precisamos verdadeiramente e imensamente. Somos conhecidas, não fazemos propaganda e, assim como ensinamos ao Pobre, não gostamos de importunar nem de exigir.

Uma coisa pedimos a V. de

Cont. na 4.ª página

REFLECTINDO

Celebrámos a Ressurreição de Cristo. Ressurreição que deveria significar no coração dos homens uma abertura a Deus traduzida pela vivência do Amor aos irmãos.

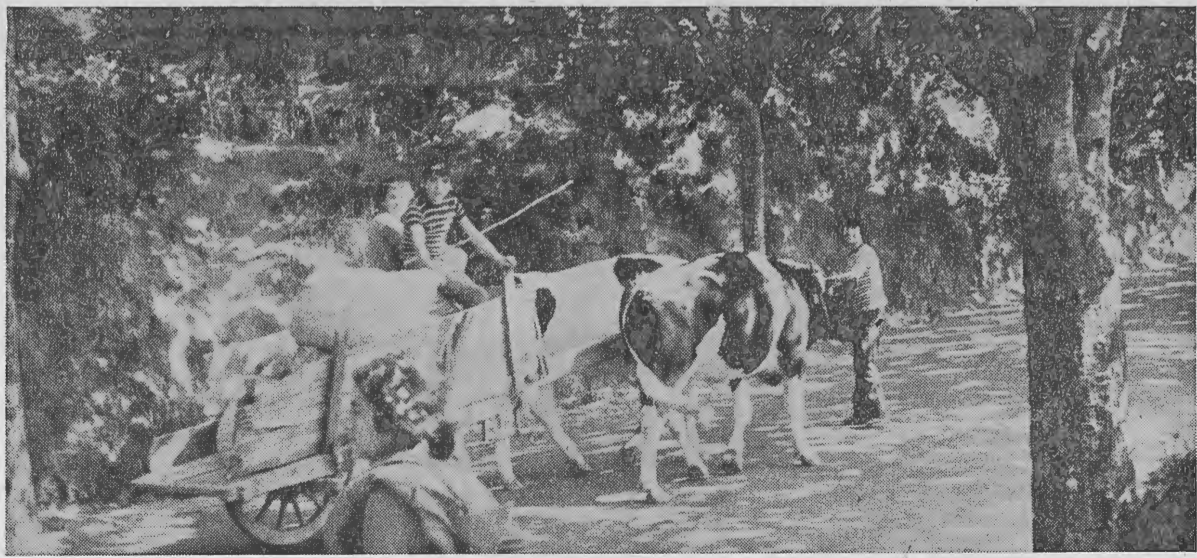
No próprio Domingo de Páscoa a primeira página do jornal que li, era dominada pela notícia de um assassinato hediondo de uma senhora de mais de sessenta anos. Todos os dias nos chegam notícias semelhantes, mas aquela, naquele dia, me lembrou, de uma maneira gritante, como Cristo continua morto no coração de muitos homens. O resultado está à vista de todos nós, pela maneira como corre a vida dos homens, que se mantêm, surdos à Mensagem trazida por Cristo e espalhada ao longo dos séculos por este mundo onde vivemos.

Celebrámos a Páscoa, mas

teremos deixado que Deus nos penetre com a Sua Graça, para que Ele nos transforme e santifique? Se Cristo continua morto no coração de muitos homens, não devemos olhar para eles com sentimentos farisaicos, mas antes devemos pensar nos nossos próprios pecados que são obstáculo à circulação do Amor de Deus entre os homens.

O mundo dos homens continua a ser um lugar de sofrimento para muitos irmãos nossos, porque apesar de todo o progresso na reflexão dos valores humanos, o egoísmo continua a imperar a nível de países, a nível de famílias, a nível individual. Daí que o sofrimento se mantenha vivo, daí que o desamor continue a imperar.

Padre Abel



Um quadro típico, diríamos pedagógico, que não perdemos no decorrer dos tempos; e muito actual com a crise energética: eles e o carro de bois da nossa Aldeia de Paço de Sousa.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

CASAMENTO — O nosso Domingo de Páscoa foi um dia de alegria e boa disposição. Não só a Festa em honra da Ressurreição de Jesus Cristo mas também o casamento do nosso José Domingos com a Lídia.

Para esta cerimónia tinham-se feito os preparativos e por volta do meio-dia reunimo-nos todos na Capela, onde o José Domingos e a Lídia disseram sim um ao outro. Foi mais um dos nossos que deu um grande passo na vida. Ele vai viver uma vida diferente daquela que viveu até agora connosco e oxalá a saiba viver, porque a vida é cheia de contrariedades, sendo por vezes muito difícil.

Terminada a cerimónia fomos chegando aos noivos com o fim de tirarmos fotografias. É assim aconteceu.

A seguir, a boda tornou-se o atrativo visto que a vontade de comer estava à espreita.

A tarde houve música e muita alegria.

AGRICULTURA — As condições do tempo não permitiram que as últimas das nossas terras destinadas ao cultivo da batata fossem semeadas há mais tempo. A terra, encharcada de água, tornava-se um problema grave que só a mudança do estado do tempo poderia resolver. E assim foi. O sol reapareceu por uns longos dias e as nossas terras puderam transferir-se em condições propícias para receber a batata. Mas em alguns locais, por exemplo debaixo das oliveiras, a terra não secou completamente. Por isso, tivemos o cuidado de desfazer os torrões que se formaram devido ao aquecimento do sol sobre a terra húmida, para que a batata não ficasse ao alcance das chuvas, mas abafada pela terra.

Como ia dizendo, o bom tempo veio e nós, os mais velhos, agarrámo-nos corajosamente ao trabalho com as enxadas na mão. Os mais novos colocavam batatas e adubo à volta destas para que a terra fosse melhor fortalecida a fim de que a batata desse melhor produção.

Esperamos ter uma boa colheita na altura própria, se Deus quiser.

Afonso

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Vinte e nove anos depois, as moradas do Património dos Pobres continuam a ser úteis e necessárias como na primeira hora.

Ao contrário de freguesias mais evoluídas do Litoral, nas quais algo se tem progredido nos domínios da habitação social, aqui, como em todo o interior — salvo a meritória iniciativa dos Auto-construtores — tudo continua como dantes!

Como se alojariam os Pobres que beneficiam de um tecto? A resposta é fácil.

Estas breves considerações vêm a propósito do caso de uma viúva que, um belo dia, procura outro rumo à sua vida, com dignidade. Não foi feliz...! Dá um passo atrás. E alojamento? Houve que lhe dar a mão para não perder a cabeça...

Como não havia casa do Património desocupada, fez-se uma prospecção no mercado de habitação; assim a modos de quem procura uma agulha no palheiro. Mas, felizmente, conseguiu-se topar uma dependência com o mínimo de condições! A senhoria já tinha propostas tentadoras; todavia, resolve abrigar a viúva desde que nos responsabilizemos pelo aluguer: 2.500\$00 mensais. Decidimos uma *váquina*: A nossa Conferência entra com mil, a beneficiária com outros mil (trabalha para isso) e as vicentinas quinhentos.

Mais um caso arrumado. Graças a Deus. E evitámos o pior...

● Abeira-se de nós, tímidamente, uma senhora de meia idade, com traje discreto; acompanhada de um jovem. Saúda-nos com um bom-dia. E, em gesto rápido, saca da carteira um envelope dobrado que pouca em nossas mãos.

— É para os Pobres.
— Para os Pobres da Conferência?
— Sim, para os Pobres da Conferência.

— Muito obrigado.
— Não tem de quê. Adeus.
E vira costas. Passagem meteórica! Não sabemos — nem procurámos saber — quem é, nem donde é. Seria profano.

Ficámos a borbulhar como o dedo de Deus faz maravilhas! Havíamos testado, de véspera, o compromisso da renda de casa da viúva já referida: 12 contos de réis na roda do ano. Imediatamente o Senhor — pela mão de uma Mulher do povo — entrega sete contos em notas do Banco e uma volta d'ouro que vale muito mais. Está pago o aluguer a médio prazo!

Trazíamos, no peito, um pensamento de Lao Tse: «A bondade em palavras cria confiança; a bondade em pensamento cria profundidade; a bondade em dádiva cria amor». Alimento do espírito. Ora o gesto, a acção desta Mulher forte põe-nos a transbordar, interiormente, em vários sentidos! A sua renúncia quaresmal é fruto do seu trabalho, imbuída de um grande sentido cristão: pelo anonimato, pela discreção, pela oportunidade, pelo sacrifício. Que Deus lhe pague.

● Visitámos uma equipa de vicentinos formada por intermédio da nossa Conferência. Abordámos casos habituais, outros pontuais. Partilhámos experiências. E, no termo da nossa reflexão espiritual, sentimos mais ânimo para continuar.

A grande verdade é esta: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres» — em sentido de Igreja. Pai Américo — se fosse vivo — reactivaria o pregão com a mesma ênfase. Além de uma ou outra desmotivação pessoal, cheirámos carências d'ordem material. Com delicadeza,

referimos a hipótese de estabelecermos, temporariamente, uma quase-geminagem, estimulando uma acção mais dinâmica e eficaz na solução dos problemas.

O Pobre espera por nós. Está à nossa espera. E sabemos como o mundo é avesso a dar a mão no sentido da sua promoção social... Daí, o recoveiro dos Pobres tem de ser um homem de acção, de Esperança. Não pode desanimar. Não pode parar. Pois não lhe falta que fazer!

PARTILHA — Assinante 22890, de Rio de Mouro, 300\$00. Edla, 1.000\$00 «que se destinam a velhinhas da Conferência, por alma de meus Pais: Helena e João». Assinante 23665, de Estremoz, remanescente de contas em dia «para o velhinho ou velhinha mais pobres ou para quem entenderem» e outra oferta oportuna. Rua Almeida e Sousa, Lisboa, 130\$00. Ahónima, de Fátima, 500\$00. Quatro vezes mais de Aveiro. «Eu e Ela» visitaram-nos. É sempre com alegria que os recebemos. Deixaram 2.000\$00 «sufragando a alma dos entes queridos».

Outra visita amiga, de S. Mamede de Infesta, com 500\$00. Nisa, 100\$00. Costa de Castelos, 500\$00. Coimbra, 100\$00. «Assinante da casa dos 100», exactamente 100\$00. P. M., de Coimbra, 500\$00. «Por alma de meus Padrinhos», idem, de Praia da Granja. «Uma Mãe viúva», do Porto, presente com 150\$00 «pedindo a Deus que ajude os filhos e a mim naquilo que tanto precisamos, principalmente o José Maria». É um apelo cristão; e mais por ser uma Viúva. Demos sempre a estas Mulheres, o primeiro lugar. É do Evangelho.

Assinante 9790, como habitualmente, sublinha um tema espiritual:

«Junto um cheque de 500\$00 para as despesas da Conferência. O anonimato habitual, por favor.»

Tomo a liberdade de agradecer, desde já, uma oração para que este Sagrado Tempo da Quaresma seja na verdade um autêntico Encontro com o Senhor em espírito de muita humildade e amor.»

Uma Mãe, de Cantanhede, 500\$00. Assinante 19177, do Porto, 200\$00. Ainda do Porto: 500\$00 da assinante 11162 e o dobro da assinante 13519. (Retribuímos, com amizade, os votos de santa Páscoa. Muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

O «FRADE» — O «Frade» era um passarinho muito bonito, coberto de penas amareladas, cinzentas e pretas. Na cabecita tinha uma roda com penas muito negras.

Foi por ter na cabecita penas negras que o «Faniqueira» lhe deu o apelido de «Frade».

Encontrou-o aninhado debaixo de uma sebe, ferido numa asa. Apanhou-o, guardou-o numa gaiola, trouxe-o para a tipografia, mais propriamente para a secção onde trabalha — a impressão — dando-lhe água e comida todos os dias. Lá

saltava de lugar para lugar, sempre a comer. Mas nos dias em que o «Famoso» saía, tinha de o mudar de lugar por causa do barulho da máquina, indo então pô-lo na cabina do aquecimento central, atrás da tipografia.

Mas, passado uns dias, o «Frade» morreu, deixando de estar presente connosco em nossa secção! Ficámos tristes, porque este era um passarinho de que tanto gostávamos!

BATATA — Começou a sementeira da batata. Já estão semeados alguns campos que, depois, darão batatas para enchermos o nosso celeiro. Os homens do campo, mais os rapazes, estão a fazer este trabalho cansativo; mas chegando ao tempo de as colher, ficarão todos contentes, por verem assim à mesa os tubérculos semeados com trabalho árduo, debaixo de sol quente, como tem sido no início desta Primavera.

Oxalá que, este ano, o nosso celeiro encha, para termos muita batata que dure para todo o ano.

PÁSCOA — Passou mais uma Páscoa. No sábado à noite, por volta das onze e meia, celebrámos a Liturgia da Ressurreição do Senhor. Na celebração, o nosso Padre Carlos aproveitou a oportunidade de baptizar quatro dos nossos rapazes: os dois irmãos «Picas», o Luisinho e o «Bolotinha». Foram padrinhos do António Pica, «China» e mulher do Zé Gomes; do Fernando Pica, Júlio Mendes e sua esposa; do «Bolotinha», José Alves e esposa; finalmente, do Luisinho, D. Maria Angélica e Miguel.

As cerimónias correram muito bem. No fim da Missa dirigimo-nos para perto do refeitório. Aí, logo à entrada, alguns cantaram e bateram palmas para acompanhar canções. De seguida bebemos o nosso cacau, comemos o foliar e pão com fiambre; uma ceia frugal antes de nos recolhermos. Dormimos até ao meio dia! No Domingo da Ressurreição recebemos amêndoas ao almôço e, no fim, os mais velhos foram tomar o seu café. Por volta das 15,30 h. o nosso conjunto tocou, parando várias vezes para descansar.

Ao fim da tarde rezámos o nosso Terço.

Assim decorreram estes dias, cheios de espiritualidade e confraternização. Oxalá para o ano seja assim, se Deus quiser.

AULAS — Recomeçaram as aulas na quarta-feira, dia 9. Os estudantes do Lar vão pôr tudo em ordem; e os que estudam em Penafiel, à noite, trabalham e estão prontos para assistir às aulas.

Vamos ver se há boas notas...

«Salsichas»

Tojal

RENÚNCIA QUARESMA — As várias paróquias da zona de Aldeia Galega resolveram fazer uma renúncia

quaresmal e oferecer o fruto dessa renúncia à Casa do Gaiato.

Como o nosso Padre Luiz não pôde ir fomos três gaiatos: «Pato Bravo», Zé Góis e «Russinho».

Fomos muito bem recebidos. Cada um de nós pernitoitou em casa de uma família de Aldeia Galega.

No domingo cada um foi com um dos senhores Padres para a sua zona. A mim calhou-me a zona centro, que compreendia as paróquias de Aldeia Galega, Merceana e Aldeia Gavinha.

Já era tarde quando regressámos, trazendo connosco: dinheiro, roupas, ovos, óleo, azeite, abóboras, batatas, grão, vinho, etc.

Quando chegámos e pedimos ajuda à malta para descarregar a carrinha, alguém desabafou: — Ena, tanta coisa!

Resta agradecer a todos quantos colaboraram connosco.

CAMPO — As nossas laranjeiras estão muito floridas e, ao que parece, vamos ter mais laranjas do que na época passada.

Enquanto as laranjeiras estão em flor, temos estado a plantar morangueiros que nos ofereceram, da Bairrada.

Quanto à sementeira da batata, está um pouco atrasada; quem nos tinha ficado de fornecer a semente faltou ao prometido! Mas lá conseguimos arranjar-la e vamos ver se o tempo ajuda.

CASA NOVA — Quando esta crónica chegar às vossas mãos, mais uma casa terá sido inaugurada e habitada.

Fica assim concluído o complexo habitacional da nova Aldeia.

NECA — O Neca é um dos nossos. Deu um salto cá ao Tojal e «fez das suas». Fez de tudo, desde a decoração de todas as camaratas, refeitório e bar.

Um novo jardim foi feito por ele entre as duas casas novas, ficando a escolha das plantas ao gosto do «artista» Neca.

Prometeu voltar. Pois que venha, que nós cá o esperamos.

PEDIDO — Volto a falar na aparelhagem sonora que pretendemos adquirir.

Passou um número de O GAIATO, precisamente o da Páscoa, sem que tivéssemos dado notícias do assunto. O certo é que o amplificador, colunas e respectivos micros estão praticamente encomendados.

Estamos já, talvez porque nos tenhamos habituado, a apostar na vossa colaboração sempre preciosa e amiga. O material em vista atinge a centena e meia de contos. Neste momento temos, em nosso poder, o fruto da generosidade dos Amigos, pouco mais do que a milésima parte do valor total. Já não falta tudo!...

Até à próxima e obrigado.

«Pato Bravo»

Do que nós necessitamos

Da Amadora, a remessa mensal em selos de correio, no valor de 150\$. De Raquel 6.000\$. Por alma de Bernardino Ribeiro, 100\$. Do Centro de Vocações Missionárias do Porto, cheque de 15 contos. Dum sacerdote de Vila Nova de Sande, 5.000\$. Anónima da Póvoa de Varzim com igual quantia trazida pelo Mendão, vendedor naquela cidade. Mais 2.000\$ por alma de Adolfo Pinto da Silva, falecido no Brasil. Selos usados de Mação. Assinante 12844 com roupas. Mil escudos e rebuçados entregues no Lar. Os 150\$ mensais da R. Alferes Malheiro. Anónima com 5.000\$. De Vianá do Cas-

telo, 100\$ por alma de Américo Pires. Mais vestuário de Lisboa. Novamente 5.000\$ de Espinho, «agradecendo meio século de existência».

Vale de 500\$, de Gaia, importância que foi achada. Presenças de Luísa. E 3.050\$ da R. Domingos Sequeira, sendo mil de promessa a N.ª Senhora. Figueiredo, Barros & Paiva com 200\$. Cá vão os amigos da Pasteleira, pelas mãos da sua recoveira, com 1.000\$. Assinante de Reguengo do Fetal com 5.000\$. Por alma de Luis da Rocha Santos, 200\$. Roupas usada, mas primorosamente arranjada, de Arouca, da assinante 15466. Vários donativos

entregues à porta do Lar do Porto. Anónima com 3.000\$, por alma de Manuel. 5.000\$ de Gaia. Amigo do Fundão, com os 300\$ habituais. Oferta da Caixa do Comércio: 1.140\$ De Ermesinde, os 700\$ que nos chegam todos os meses. 100\$ de Lisboa, de alguém no Serviço de Infra-Estruturas da Força Aérea. Ass. 31379 com 500\$, em acção de graças pelos 50 anos de casados de seus pais. E vales de 779\$ e 792\$50, dos Funcionários da Direcção Geral da Marinha do Comércio.

«A promessa que a minha gratidão não esquece», com os 150\$ mensais. Os habituais donativos de D. Rosinha. Da R. Monte Cativo, mãe e filha com 550\$ pedindo a Deus para que o trabalho não lhes falte. Do Departamento de Pilotagem dos Portos do Douro e Leixões, 1.000\$. Carlos Pereira com 250\$. Pela saúde de Capitolina, 100\$. De Carviçais, 500\$ em memória de Pai e Mãe. 300\$ de Braga, do ass. 33058. Mais 500\$ de Oliveira de Azeméis. Duma paroquiana de Espinho (Praia) e pelas mãos do seu Pároco, 13.750\$. Encomenda da Amadora. Em sufrágio de Ana da Conceição, 50\$. Mais 200\$ no Lar. Primeiro ordenado dum filho, 2.200\$. Da Av. João XXI, os 1.000\$ de todos os meses. Da mãe do Sabino, aquando da sua ida a casa,

2.000\$. Da Covilhã, 2.500\$. Anónima com 3.000\$. «Em nome dos nossos irmãos que já partiram»: 2.590\$.

Assinante 3119 com 1.000\$, «parte da prenda de Natal para meu marido que Deus levou». Várias importâncias de 125\$ entregues no Espelho da Moda e o mais que aí depositam com destino a esta Casa. E 6.000\$ da Foz do Douro. Ass. 8492 com 2.000\$. Da R. 5 de Outubro, 1.000\$. «Pelo aniversário de meu filho», 100\$. Que o Senhor guie seus passos pela vida fora. E mais 2.500\$ da ass. 31462. «Duas amiguinhas», do Porto, com 200\$. Cheque de 10 contos, de Lisboa. Oferta de 3.000\$ de Lebução, em fracções de mil, de Maria Teresa. 1.000\$ de Francelos. 200\$ de Cortegaça. Mais 10.000\$ dum engenheiro amigo. 250\$ de Anadia. 300\$ de anónimo dos Correios — sector de encomendas postais, no Porto. De «Os Pintadinhos de Paranhos», 100\$. Alexandrino com 500\$. Senhora amiga, de Viseu, com 1.000\$. Confraternização desportiva das Casas Pigalle e Palladium, no nosso campo, rendeu 4.130\$.

«Um pouco do que me resta» — 10 contos — do ass. 22334. Cheque de 2.000\$, do Pároco de Campanhã. Encomenda de roupa usada de Soure. 500\$ de A. R. R. C. B., do Porto. A presença sempre querida da «velha assinante» de Monte Estoril. Clara e José Flores com os 70\$ do costume. E 160\$ dos Trabalhadores do D. P. P. A. Lavandaria e Almoxarifado

dos CTT — Porto, em memória de Nazaré Graça. 20\$ de Braga. De Isabel Tavares, 400\$. Por alma do piloto falecido no desastre de avião no Funchal, 100\$. Em memória de José e seu filho Jorge Manuel, 1.000\$. Da Av. Manuel da Maia, 2.000\$. Mais 3.000\$ de Lisboa. Cheque de 12 contos, de Trancoso. Assinante na Alemanha, com muita amizade e 8.510\$. Por intermédio do Pároco de Sêzedeo, 1.000\$ dum sua paroquiana.

Anónima do Porto com 15 contos. 50\$ de Fátima. 500\$ de Algés. 200\$ de Lisboa, dum Ana Maria. E 500\$ do Porto. Amiga de Espinho com 700\$. Anónima do Lar de São Francisco, em Leiria, com mil. De Cascais, 300\$. Fernando com 50\$. Duma Rosa de S. Mamede de Infesta, 1.500\$ e muito carinho pela nossa Obra. «Migalhinha» de 10.000\$, de Famalicão. De Leiria, os 1.500\$ mensais. Duma Maria intercedendo a Pai Américo pelas melhoras de seu filho, 5.000\$. Collecta de um grupo de Trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos na Av. dos Aliados: 1.260\$. Mais 1.000\$ da capital. Anónimo com outros 1.000\$, vindos de Oliveira de Azeméis. E, de Valadares, «um beijo e 150\$» de quem muito nos ama. De Alfena, um primeiro ordenado: 3.580\$. E o mais que aqui não vês, prezado leitor, mas a certeza de que foi recebido.

Bem hajam.

Manuel Pinto

NOTAS DA QUINZENA

1 A filha ficara em casa, doente, e a mãe veio até cá matar saudades. Trouxe rebuçados para os mais pequenos e quis conviver com eles. Chorou por eles e pela sua filha: «a sua riqueza». Veio buscar energia para a sua dor — um pressentimento nosso. Aqui há dor e remédio também! Há alegria da cura que nem sempre é fácil vê-la com os olhos da carne. Por isso aquela mãe deixou «tudo» e trouxe algo para levar «muito». A fé das pessoas simples passa assim por este caminho: «as migalhas que caem da mesa são alimento...» E os resultados materiais podem não ser visíveis. Para isso, bastará olhar para Além, sómente.

Na nossa terra há tantos filhos doentes... que não devemos ser prisioneiros do nosso egoísmo, do nosso único caso. A lição desta nossa amiga cá ficou, gravada como exemplo de fé nos outros e também em Deus. A doença, a filha, eram razões para não sair de casa. No comum dos homens era assim. Aqui, neste caso, é ao contrário. A fé é assim. Faz-nos sair de nós para irmos aos Outros dar e receber.

2 No mesmo dia, vem também um Retornado pedir uma sopita para comer e uns sapatos para calçar. Ora tem emprego, ora não. Por isso veio aqui.

Casos destes ou semelhantes já não é a primeira vez que nos aparecem. E, uma vez por outra, com uma história tão cheia... de dramatismo, que acaba tudo na ficção. Casos raros, onde a verdade, tarde ou cedo, lá aparece.

Era um homem ainda novo e se o que ele pede e diz é verdade, coitado dele. É uma vida o «Calhas». Se calha de trabalhar, ganha; se calha de não trabalhar, pede para comer.

Mesmo que o problema deste não fosse verdadeiro, muitos outros há, iguais e verdadeiros.

Esqueçamos todos o passado mais sombrio e vivamos bem o presente para que o futuro seja mais feliz para todos. O futuro que todos devem querer que seja mais e tenha mais oportunidades para todos.

3 Um emigrante em férias veio trazer-nos dois filhos da mulher com quem não casou e porque, agora, a sua mulher não tem capacidade para os aceitar plenamente. Eles, rebeldes por tal situação, fazem dura a já dura vida do pai, trabalhador no estrangeiro. Têm onze e treze anos, a idade quase limite para os podermos admitir. Como o pai me pareceu consciente e responsável na visão do problema, não lhe dei qualquer esperança de sermos nós a solucionar o seu drama. E o homem lá foi, agradecendo o nosso não, triste, mas consciente! Um pai que tinha problemas. E o maior, com certeza, era estar longe do seu País, a trabalhar. Como tantos homens da nossa terra!

Padre Moura

Novos Assinantes de «O GAIATO»

A marcha da procissão entusiasma. Hoje, como ontem, não falta que descobrir!

A nossa frente uma gama de correspondência palpitante. Almas que se comunicam e transbordam e dão Vida.

Rio de Mel:

«Tenho 50 anos. Sou empregada doméstica, viúva com quatro filhos. Trabalho numa casa já há sete anos. A minha vida tem sido muito difícil, mas graças a Deus tenho tido saúde para criar os meus filhos que nunca sentiram a falta do pai. A mais velha tinha oito anos quando o pai morreu.

Tinha muito mais para vos contar...!

Eu leio O GAIATO na casa onde trabalho e gosto muito dele. Quero ser assinante e peço também o favor de me mandarem dois livros «O Calvário».

Um documento importante. Revela, sumariamente, o drama das Viúvas em nosso País. Heroínas sem voz — quais Mulheres fortes da Sagrada Escritura — que sofrendo longos e tremendos calvários para manterem a sua dignidade, sempre aqui tiveram, n'O GAIATO, o lugar que merecem no seio da comunidade, tão avara em

olhar para os seus problemas, para os problemas dos seus filhos... «A vida tem sido muito difícil.» Pois tem! Muitos de nós, que a Obra da Rua lança para a vida, compreendemos e sentimos concretamente o testemunho amargo que aí vai sem demagogia; qual condenação de tanto que se poderia ter feito e ainda não se fez — por omissão consciente ou inconsciente. Quantos dramas escondidos, de norte a sul do País; escondidos aos olhos do mundo que não procura defender os interesses da Família! E já que os seus valores sagrados são uma constante da procissão, ouçamos um assinante do Porto:

«Acabo de ler em O GAIATO um comovedor depoimento de um Pai que transferiu a sua assinatura para um filho e, por morte deste, para um neto! Que beleza de gesto! Ele serviu para me lembrar de fazer duas assinaturas de O GAIATO para os meus netos, na sequência deste gesto. Embora dois deles ainda não sabiam ler, alguém lhes lerá; e mais tarde lerão então eles esse evangelho de Amor.

Sinto-me feliz por esta leitura e o seu exemplo se ter

dado precisamente hoje, dia de S. José e do Pai! Como Deus vigia...»

Somos continuamente pressionados a indicar o preço da assinatura de O GAIATO, na medida em que muita gente, face aos tremendos encargos de cada edição do jornal, quer contribuir e cumprir razoavelmente. Podem satisfazer o compromisso da assinatura a partir de 120\$00 por ano. Mas aqueles que, por dificuldade, não possam arcar com a anualidade, tenham a bondade de nos informar, que O GAIATO, por não ser matéria comercial, seguirá sem mais quê — até quando, como e se puderem retribuir. Tão simples!

Ao longo da procissão vão novos assinantes da Régua, Espinho, Matosinhos, Oeiras, Queluz, Aveiro, S. Mamede de Infesta, Venade (Caminha), Rio Maior, Afurada (Gaia), Joane (V. N. Famalicão), Amora, Santo António dos Cavaleiros, Monção, Évora, Ermesinde, Porto e Lisboa muitos deles. Além fronteiras: Benoni (África do Sul) e Osnabruck (Alemanha Federal).

Júlio Mendes

Cont. da 1.ª página

mesmos e dos seus na aventura de possuírem o seu próprio tecto. E o acesso à propriedade privada é de direito natural!

● Referimos no último jornal que se pretende instituir um complemento familiar à mãe de Família que opte ficar em casa com os seus filhos. Certo. Venham os factos. Já aqui abordámos várias vezes a insignificância do abo-

AQUI LISBOA!

no de família que se atribui. É irrisório. 240\$00 o que representa? Urge que seja revisito. Tudo o que seja menos de 500\$00 será desprezível no orçamento familiar.

Fala-se na adequação da fiscalidade à instituição familiar. Temos dito que a Família se defende com medidas concretas de protecção. Não nos pa-

rece, porém, que tal suceda com o que se passa, por exemplo, com o imposto complementar. Se não, vejamos: os rendimentos do agregado familiar são todos somados em condições de paridade numa só parcela; ao total, porém, são feitos descontos, em condições de desigualdade, conforme se trata do chefe de família, da mulher ou dos filhos. Para determinar a matéria colectável o primeiro deduz 70.000\$00, a segunda 40.000\$00 e os terceiros de 9.000\$00 a 18.000\$00, até aos 18 anos, mesmo que continuem a cargo dos pais (o que é comum). Trata-se, evidentemente, dum desaforo fiscal, discriminatório e injusto.

Pensamos que as medidas anunciadas de adequação de fiscalidade à instituição familiar devem contemplar o saneamento da arbitrariedade exposta! Ele até há gente que resol-

ve separar-se legalmente, que não de facto, para superar tal monstro. E se há países onde as pessoas solteiras até pagam mais impostos do que as casadas, que incentivo haverá para os que pretendem casar se vão pagar mais?! A estabilidade da Família e a sua sobrevivência como célula basilar da sociedade estão em causa. Haja olhos e bom senso.

Já agora, e para terminar, falemos do chamado «abono de lar», existente já nalgumas empresas do País e muito generalizado lá fora. É a altura de se encarar a sua criação. A Família tudo merece e o auxílio que lhe possa ser dado nunca será demais. É que, como diz o § 3 do artigo 15.º da «Declaração Universal dos Direitos do Homem», «a família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à protecção da sociedade e do Estado».

APENDICE — Fechadas estas linhas chega-nos um carro com duas pessoas, uma delas sustentando na mão um volume de amêndoas e um envelope com um cartão escrito e um donativo. Comovemo-nos com a notícia da morte do Mandatário, sempre presente no Natal e na Páscoa, há mais de 20 anos. Em Quinta-Feira Santa tínhamos estranhado a sua ausência, que era esse o dia escolhido, neste período, para aqui vir. No seu leito de dor e de morte não esqueceu esta Comunidade e tudo tinha previsto. Faleceu no dia da sua costumada presença e foi a enterrar em Sexta-Feira Maior. Que o Senhor tenha recolhido no Seu seio este nosso Amigo, exemplo do carinho e da estima de que somos alvo por parte da Família de fora e de que, sem dúvida, não merecemos sequer ser testemunhas. O Mundo também nos oferece quadros de dimensão incomensurável, não fossem eles de expressão do Infinito!

Padre Luiz



FESTAS

Mesmo com a falta do «Lito» — que orientava e ensaiava os rapazes e foi chamado a cumprir o serviço militar, onde completará o seu curso de Electrotecnia — os preparativos para a realização das nossas Festas, no Centro do País, vão-se processando com entusiasmo.

Temos aproveitado bem o tempo das férias da Páscoa, em Miranda do Corvo. Os ensaios estão a cargo do Carlos Manuel e do Manuel António, que têm sua quota parte na Festa.

A ajuda proporcionada por duas moças de fora tem-nos valido muito nos ensaios das danças. Números, danças, canções, alegria, amor, é tudo o que temos ao dispor para os Amigos que nos forem ver actuar.

Na generalidade as Festas terão de ser feitas aos fins de semana, devido ao empenhamento escolar de alguns dos nossos rapazes.

As datas ainda não estão todas marcadas. Esperamos que no próximo jornal já as possamos confirmar, para que os nossos leitores tomem conhecimento.

Afonso

- Dia 27 de Abril, às 17.30 — Salão dos Bombeiros — MIRANDA DO CORVO
- Dia 1 de Maio, às 15.30 e 21.30 — Teatro Avenida — COIMBRA
- » 3 » » às 21.30 — Salão da Casa do Povo de MIRA
- » 4 » » » — Cinema do Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ
- » 9 » » » — Cine-Teatro de TOMAR
- » 10 » » » — Salão dos Bombeiros CANTANHEDE
- Dia 11 de Maio, às 11 h — Cinema Monumental — LISBOA

Serviço dos Pobres

Cont. da 1.ª página

todo o coração, num desejo talvez de compreensão que raro se encontra, é que na próxima vinda a Coimbra venha a nossa casa: «Vinde e vede!»

Na casa pobre mas asseada, velha mas espaçosa e cheia de bom ar, nos nossos farrapinhos garridos e simples com que procuramos dar uma nota alegre e de bem-estar, estendemos a mão pedindo não só para nós, mas para toda esta grande família que consideramos os que têm necessidade de pão para o corpo e para a alma.

Por tanto bem, tão bem feito, que o Senhor o abençoe cumulando-o de Paz e alegria.»

Foi verdadeiramente uma visita pascal este sopro do Espírito que me veio ter às mãos: uma carta da «Mãe» e da «Irmãzinha», fundadoras das Criaditas dos Pobres, escrita não sei a quem — nem importa — naquele Dia do Espírito Santo de 1958.

É um retrato do que Elas são. É modelo do que Elas procuram ser, no esforço incessante de fidelidade à vocação específica e ao «aggiornamento» sempre necessário.

É um retrato e um programa. Em tão breves palavras não se podia dizer melhor para esclarecer quem, certamente,

não tendo tempo para grandes relatórios, deveria ficar ciente do que as Criaditas dos Pobres são e querem; e consciente do seu préstimo no meio dos Pobres, «ensinando-os a amar a sua condição, mas fazendo-os sentir a necessidade de se elevar em todos os sentidos».

Método de acção?

«Como primeiro passo fizemo-nos pobres, não em aparência, mas em verdade.» Quem vive do Alto, por muito que baixe, nunca se rebaixa. É o mistério da Encarnação: Deus desceu ao Homem para o levantar a Si. Pobres «em verdade», por amor dos Pobres, quanto elas não têm enriquecido a tantos, «fazendo-os sentir a necessidade de se elevar em todos os sentidos!»

Segundo passo, a paciência, só possível em quem sabe o que quer «com firmeza e perseverança» e sabe com Quem conta para o conseguir. Por isso «vamos actuando lenta-

mente, sem imposições, respeitando a liberdade e dignidade» daqueles em quem as Criaditas vêem o Cristo da sua consagração. «Numa confiança que se não baseia em sucessos ou insucessos», mas se fundamenta n'«Aquele em que tudo pode».

E, uma grande preocupação de novidade: «Que cada um dos nossos dias seja um dia novo».

Com esta sabedoria, só com ela, se pode trilhar um caminho árduo, «sem ralentar o passo nem perder o entusiasmo». «Quantos se firmarem nela irão para a vida» — anunciava-nos na Vigília Pascal o Profeta Baruch. «Volta Jacob e apodera-te dela. Não cedas a ninguém a tua glória. Não troques a tua felicidade, oh Israel. O que agrada a Deus foi-nos dado a conhecer.» «A Sabedoria apareceu na Terra e tem convivido com os homens.»

Padre Carlos



O Gaiato

Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.700 exemplares